

Do Trabalho (prova de aula)  
6ª feira

Hegel - Schopenhauer e Kierkegaard.

Marx (pragmatistas e não marxistas)

Faço parte da maioria marxista que reacionário capitalista.

Seculum Bonum (Marx) é identificado com progresso.

A frase "Trabalhadores de todos os países unidos" tem todo fervor de "amigos e usamos outros".

O ponto de partida do pensamento da atualidade, um ponto necessariamente fixado arbitrariamente, seja a revolta contra Hegel. Se concordarmos, conforme proponho, a aceitar esse ponto como a marca zero da época atual, o pensamento schopenhaueriano e kierkegaardiano se apresentará como autenticamente atual, por ser uma negação antitética do hegelianismo. Notem, em passant, o seguinte curiosum: a tese hegeliana provoca duas antíteses distintas, estamos portanto diante de uma bifurcação do desenvolvimento dialectico, bifurcação esse não prevista pelo sistema hegeliano. Que este exemplo sirva de ilustração para a pobreza de toda tentativa de sistematização da realidade em sua imensa riqueza. O rio do progresso, ou daquilo que estamos acostumados, graças a Hegel, de chamar progresso, corre um curso irregular, divide-se em inúmeros braços, dos quais alguns se perdem no deserto e secam, outros se voltam para trás, outros avançam, independentes, rumo ao oceano, e outros voltam mais tarde para a corrente principal. Em breve, há uma contínua divisão, separação e reunificação de águas. Para Hegel, o professor metódico prussiano, um curso de água assim irregular é inacional e portanto irreal. Em consequência, Hegel o canaliza, e assim surge o esquema cinzento da dialética hegeliana. Grau, teurer Freund, ist alle Theoria (cinzenta, caro amigo é toda teoria). (O diabo em Fausto).

Repito que a tese hegeliana provocou duas antíteses autênticas, portanto autenticamente atuais, a saber a vontade schopenhaueriana e a angústia kierkegaardiana. Houve, entretanto e para complicar ainda mais as coisas, uma terceira reação significativa contra Hegel, uma reação mais tímida e menos revolucionária, porém não menos importante. Trata-se, por assim dizer, de uma negação parcial, portanto inautêntica, a despeito de, paradoxalmente, ~~um passo negacionista~~, ser justamente essa reação que reclama para si o monopólio da revolucionariedade. Estou, naturalmente, falando de Marx e Engels e, pelas razões acima expostas, não posso considerá-los pensadores pertencentes autenticamente à atualidade. Eles representam, ao meu modo de ver as coisas, uma corrente retrograda e obscurantista no cenário da atualidade, e estou usando, excepcionalmente, essas palavras com seu significado marxista neste contexto. Isto não impede que se trate de uma corrente poderosa e passo portanto a expor as suas bases conforme as entendo. Peço-vos de deixar em parentesis fenomenológica todos os preconceitos positivos e negativos que Vocês nutrem a respeito de Marx, para o prazo dos próximos trinta minutos e prometo de me esforçar de fazer outro tanto.

Acho que, de um ponto de vista filosófico, Marx pode ser melhor introduzido a partir da epistemologia, isto é a partir do conceito que ele tem do processo do conhecimento. Para Marx o conhecimento é resultado de uma colaboração ativa entre objeto e sujeito, uma adaptação progressiva do sujeito ao objeto e uma transformação progressiva do objeto pelo próprio processo de ser conhecido pelo sujeito. Trata-se, portanto, de um processo de trabalho produtivo que o sujeito, condicionado embora pelo objeto, exerce sobre o objeto, a sua matéria prima. Trata-se, em outras palavras, de um processo dialectico, porque o conhecimento, sempre mais amplo e mais profundo, é, em qualquer instante de tempo, ainda incompleto, e tende para o conhecimento total e integral o qual será alcançado na plenitude do tempo. A tese desse processo, a matéria prima, o objeto, não é, em qualquer instante dado, tão material quanto o era a matéria dos materialistas ingenuos do século 18. É uma matéria modificada pela ação do sujeito, uma matéria humanizada, portanto, e é neste sentido mais refinado e elegante que devemos interpretar a palavra "materialismo" quando aplicada ao marxismo. Na plenitude do tempo; presumivelmente, objeto e sujeito se unirão em síntese definitiva, o objeto será inteiramente humanizado no conhecimento absoluto, a matéria será inteiramente sublimada pelo homem, para falar freudianamente. Trata-se, como vêm, de uma epistemologia dinâmica, ativista, em oposição à epistemologia otimista, escatológica, em resumo de uma epistemologia à la ancien régime. Mas ela contém, não obstante, elementos mais condizentes com a mentalidade atual, a saber: as sensações passivas dos empiristas ~~passivos~~ são abandonadas em favor de uma procura ativa da realidade, a qual, longe de formar um substrato absoluto e imutável, é subjetivada pelo conhecimento. Temos aqui o germe do conceito pragmático da verdade, de todo instrumentalismo, e, até certo ponto, da psicologia "Gestalt". Quero dizer desde já que Marx está sendo diminuído pela ortodoxia dos marxistas, e que ele contém muitos elementos férteis que foram sufocados pelo zelo religioso e farisiaco dos seus seguidores. O futuro da epistemologia de Marx reside nos pragmatistas e não nos marxistas.

Passo agora a considerar a filosofia da história de Marx, uma filosofia paralela, mas não necessariamente provocada, pela sua epistemologia. Para ele

historia do mundo e historia da humanidade se fundem, já que o mundo material, o mundo não humano, se transforma, isto é tem historia, somente graças a atividade conhecedora do homem. A materia, isto é a materia no sentido acima exposto, antecede o homem, isto é verdade, mas o antecede num sentido lógico, e não temporal, o homem presupõe logicamente a materia. A historia sensu stricto começa com o homem. Essa historia da materia e do homem é determinada pelas leis da dialectica e, em tese, não há nela lugar para a livre iniciativa humana. Mas este determinismo não é tão rígido quanto o era o mecanismo físico do século 18, já que as leis que regem a dialectica historica não são mais leis da física, mas da economia. As forças que condicionam os fenomenos históricos e impõem a corrente dos acontecimentos para uma meta pre-estabelecida são forças que resultam da tensão entre o esforço do homem de dominar a matéria e a resistencia brutal da materia, a sua inercia, aquilo que os alemães chamam "Tuecke der Materie" (manha da materia). O esforço do homem, isto é o trabalho produtivo, representa a tese da dialectica da historia, a manha da materia, em todas as suas formas sempre mais humanizadas, representa a antítese do mesmo processo. Devido à inercia da materia, trata-se de um processo que consiste de uma série de revoluções, a materia manhosa precisa ser violentamente derrubada a cada passo deste desenvolvimento. No estagio atual do processo historico a tese, isto é o trabalho produtivo do homem, é incarnada na classe proletaria, e a antítese, isto é a materia manhosa já altamente humanizada, é incarnada no capitalismo. Devido à inercia da materia, à sua reacionariedade, o capitalismo precisa ser violentamente derrubado, e o será indubitavelmente de acordo com as leis que regem a dialectica historica, para que seja alcançada a próxima síntese, a saber a sociedade comunista. Essa síntese, entretanto, será especial, ela será a última, e com ela o processo historico cessará de desenvolver-se. Confesso que não compreendo o porquê dessa afirmação chilistástica, mas essa minha ignorancia talvez não passa de um fruto da minha falta de conhecimento, necessariamente condicionada, já que faço parte da materia manhosa, que reacionario capitalista (infelizmente pequeno). Repito que a historia é regida por leis imutáveis, é determinada. Mas essas leis, sendo economicas, são de uma complicação tão grande que podem ser compreendidas apenas de uma maneira humana somente em traços largos. Quanto aos detalhes, estes escapam à nossa compreensão, e essa incompreensão produz em nós a impressão de termos livres e indeterminados. A liberdade humana é uma ilusão resultante da imperfeição do conhecimento humano. O conhecimento integral, o qual será alcançado, presumivelmente, ao mesmo tempo com a sociedade perfeita, portanto proximamente, revelará o totalitarismo da necessidade, e com isto será alcançado um novo tipo de liberdade, daquela liberdade que resulta do conhecimento da necessidade. Confesso que este conceito da liberdade, que reside no direito de obedecer, além de ser sumamente antipático, é também difícil demais para ser compreendido por minha mente reacionaria e inerte. A cada passo da historia, portanto, os homens pensam e agem de maneira determinada pela classe à qual pertencem, embora nutram a ilusão de pensar e agir livremente. O conjunto dessa ilusão é sua ideologia (nome muito feio), e essa ideologia serve para manter o status quo, é reacionaria e mantém a tese nascedoura em algemas. A ideologia mais reacionaria são as religioes, esse ópio para o povo. Porém são tentativas pateticamente frustradas, já que são, por necessidade, destinadas ao fracasso. Não deveriam, por direito, ser muito severos com elas, já que elas também surgiram por necessidade, causadas, como são, pelas classes necessariamente reacionarias e inertes. Mas é sempre aconselhável, por razões que não compreendo, ajudar um pouco à dialectica historica e apressar ativamente a sua derrota. Dessa filosofia da historia, que parece ser uma caricatura, mas não por minha culpa, resulta uma consequência curiosa: uma ética se torna impossível. A ética trata-se julgamentos que começam pela palavra: "deves". No mundo de Marx, no qual o dever é determinado pela classe à qual pertence, aonde não há liberdade de ação legítima, nem liberdade de pensamento possível, uma ética seria logicamente absurda. No entanto, é evidente que justamente o contrario acontece. Toda a filosofia de historia de Marx está permeada por uma ética básica, a saber a identificação do summum bonum com o progresso. A revolução é boa, a reação é má, o proletário é bom, o capitalista é ruim e "deve" (notem bem esta palavra) ser eliminado. Esta é uma das inconsistências mais flagrantes, do meu ver, de todo o sistema. Outra inconsistência, quase tão flagrante, é, conforme creio, a inserção de da afirmação marxista de ter evitado a metafísica. Tanto a epistemologia como a filosofia marxista estão baseadas na tácita admissão de uma coisa em si, de uma materia concebíveis. Trata-se, portanto, no fundo de uma filo-

Do trabalho.

sofia pre-kantiana, o que aumenta, ao meu ver, o seu aroma arcaico e obscurantista. Como não posso duvidar que Marx conheceu o seu Kant muito melhor que eu, sou forçado a concluir, que ele agiu com insinceridade premeditada, compelido por motivos de ordem ética superiores a considerações de mera filosofia. Tratava-se, para ele, não tanto de construir um sistema filosófico consistente, mas de salvar a humanidade. Ele não é, portanto, um filósofo no sentido autêntico dessa palavra.

Marx, visto do ponto de vista marxista, é um produto da burguesia romântica judeo-alema, ligado, por casamento, a alta aristocracia. Mas a vida dele é um argumento impressionante contra a sua teoria. Combateu, até a morte, ao lado do proletariado, seu suposto inimigo, foi caçado de país em país, viveu na miséria, perdeu três filhos que morreram praticamente de inanição, em resumo a sua vida é um exemplo do paradoxo da vida religiosa kierkegaardiana. Acontece com Marx exatamente o contrário que aconteceu com Schopenhauer na penúltima sexta-feira. Somos forçados a simpatizar com Marx, creio eu, a despeito de não podermos, infelizmente, concordar com ele em quase nada. Os seus motivos são os mais nobres possíveis, e quem quer se tornar seu seguidor, precisa fazê-lo com espírito religioso: credo quia absurdum. Unidos dessa fé, poderemos, como prova a situação política atual, mover montanhas. Sem essa fé estamos, infelizmente, condenados a combatê-lo.

Não mencionei, nesse resumo, o aspecto de Marx como teórico da economia. Não entendo quase nada desse aspecto, mas fui informado por pessoas entendidas que Marx, já no seu tempo, não passava, como economista, de um seguidor disfarçado da ortodoxia de Ricardo, e que está atualmente completamente superado pelo desenvolvimento dessa ciência. Esse fato aumenta, em vez de diminuir a admiração por um profeta idealista messiânico que fez da economia o seu deus, e foi, em paralelo com uma figura maior mas de certa maneira parente, abandonado por seu deus.

Peço-vos agora de fazer um esforço comigo e de considerar o pensamento de Marx em sua totalidade como um fenômeno da história do pensamento humano. Visto assim ele não passa de um dos seguidores menores de Hegel, com o agravante de ter introduzido novas incoerências nesse sistema. Ele conserva todo racionalismo, otimismo e fé no progresso setecentistas, todo o clima da obra de Marx é clássico e o romanticismo, do qual era um inimigo confessado, não parece tê-lo influenciado. A sua ~~miséria~~ filosofia da história é uma versão crua e simplificada da filosofia hegeliana, com a diferença que ele substitui a classe pela nação, mas é preciso confessar que essa substituição torna a consequência política muito mais simpática. O método de filosofar é hegeliano, porém é menos refinado e menos profundo. Todas as dificuldades do sistema hegeliano são traduzidas sem modificação para o sistema marxiano e reaparecem mais berrantes, já que o sistema marxiano é mais primitivo. E aparecem novas dificuldades. Hegel se contenta com um único elemento metafísico, a ideia, e o processo dialético em Hegel é um processo dentro da própria ideia, que ele define como unidade de objeto e sujeito. O processo de conhecimento é portanto a ideia que se pensa ela mesma, a ideia é para si mesma objeto. Marx exige dois elementos, matéria e o sujeito que a conhece, portanto trata-se de uma metafísica menos econômica, o que é um grave defeito para quem faz da economia a sua meta. A consequência para a filosofia da história é interessante: para Hegel a história é a encarnação progressiva da ideia absoluta, portanto ela tem dimensões inimagináveis para o passado. Mas para Marx a história tem que começar com o primeiro homem, portanto há poucas centenas de milhares de anos. Isto torna todo o conceito da história em Marx algo provincial e mesquinho, se comparada com a imensidade em tempo e espaço do cosmos. O mesmo pode ser dito quanto ao futuro. Para Hegel a última síntese é a realização integral da ideia, portanto uma síntese inimaginavelmente distante. Para Marx ela é a sociedade humana perfeita, portanto algo próxima e, em consequência, pouco plausível. Para Hegel a ideia é, ex definitione, completamente livre, já que a matéria, isto é a antítese da ideia, é completamente condicionada pela ideia. Hegel é portanto capaz de erigir uma ética autêntica, embora uma ética com a qual não simpatizamos. Marx, como já vimos, é forçado a um conceito bizarro da liberdade, a qual falsifica a sua ética ex ovo. Repito que deste ponto de vista, também por outras razões que não tenho tempo de expor, Marx não passa de um epigono hegeliano sem grande mérito filosófico.

Mas creio que não se deve julgar o seu sistema deste ponto de vista aca-

denico e seco. Marx é um profeta de uma nova religião, cujo deus, cujo tema central, é o trabalho. E não se trata de um trabalho abstrato de um Criador do Universo, mas do trabalho comum e diário humano. A frase: "trabalhadores de todos os países, uni-vos" tem todo o fervor e provoca todo o entusiasmo da frase: "amai-vos uns aos outros". É deste ponto de vista, no fundo irracional e religioso, que Marx realmente supera Hegel e pertence à atualidade. É verdade que, conscientemente, Marx não participa de transferência de interesse que caracteriza a nossa época, a saber da transferência a partir da metafísica para a situação humana. Mas, inconscientemente, pelo conceito do trabalho, Marx é um pensador existencial, como insiste, se bem o entendo, Sartre. Pelo trabalho, isto é pela manipulação do mundo dentro do qual me encontro, defino autenticamente a minha situação existencial nesse mundo. É verdade que, ~~xx~~ formulado assim, esse trabalho se torna, do meu ponto de vista como existência aqui e agora, absurdo. O clima do otimismo marxista se perde. Mas esse clima de qualquer forma era possível somente graças a total despreocupação de Marx pelo tema da morte. Marx, como pensador clássico que era, nunca se aventurou a regiões tão obscuras e perigosas como a morte. Para dizer a verdade, o homem como indivíduo não o interessava. Ele o considerava somente como membro de uma classe. O seu ideal não era o homem, mas a humanidade. Era por isto que ele se deu ao luxo de considerar as religiões como ópio para o povo. O povo é uma coisa, o indivíduo é outra. Esta distinção nunca ocorreu a Marx quanto criticava a religiosidade. ~~x~~ Uma vez introduzido o conceito da morte no sistema marxiano, este se torna, como que por encanto, atual e antimarxista.

A influência de Marx sobre nós é portanto dupla. De uma parte formou-se uma ortodoxia marxista, cujo tema central é o trabalho e a qual opera com a noção do homem qual homo faber. É portanto mais uma caricatura da pessoa humana, a qual ameaça não pela bestialização, mas pela mecanização e colectivização que essa caricatura encerra. De outra parte está se esboçando uma síntese heterodoxa entre Marx e o existencialismo, cujo tema central é o homem que manipula no nada. É a imagem de um malabarista, e somente o futuro mostrará qual será o efeito sobre o pensamento humano.

O avanço político sensacional do Marxismo em nossos dias é uma bela ilustração de como a história funciona. Do ponto de vista intelectual Marx já era superado quando escrevia as suas obras. Mas de um ponto de vista sentimental (uso esta palavra porque não me ocorre melhor) ele está se tornando cada vez mais atualizado. O seu conceito da ciência, por exemplo, já era ingenuo na metade do século 19 e há cinquenta anos é totalmente antiquado, mas é agora que o marxismo está convertendo as almas pela sua cientificidade. O seu conceito da economia, conforme já disse, era démodé quando concebido, faz parte das teorias econômicas que prevaleceram na Inglaterra no fim do século 18 e ninguém o toma a sério intelectualmente, mas é agora que a economia marxista como a mais avançada toma conta da humanidade. O seu conceito da liberdade é intelectualmente incoerente e insustentável, mas é agora que a ética e a organização política nele baseadas estão se realizando. Os caminhos de Deus são incompreensíveis.

Uma palavra de cautela antes do início do debate. Marx é uma palavra carregada de emoção, portanto mal apropriada a uma discussão civilizada. Vamos portanto, assim proponho, considerá-lo em nosso debate como o pensador combativo e dedicado do século 19, que era, e não como o profeta ou diabo incarnado que é atualmente.

Como tema inicial do debate sugiro os famosos versos de Schiller:  
"Sind unwilligen Millionen, diegen Kuss ergaueu Welt. Gründ, utom Struener et  
mussein Lieb Vater wohnen? (Sjam abraçados, milhões, este tipo ao mundo inteiro.  
Irmãos, acima da tumba estalado uma necessariamente um pai gerido). Marx  
é um dos mais importantes propagadores da proeminência, e mais frênis opositor  
de segunda parte deste verso.

\* Para a Klipão ea um Fenomeno Social, não para o nível existencial.